



XIX ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR
Blumenau - SC - Brasil

A PARADIPLOMACIA, SEUS ATORES E TENDÊNCIAS: ESTADO DA ARTE E CONTRIBUIÇÕES ADICIONAIS.

Rodrigo Kuester Pereira (Universidade Nove de Julho - UNINOVE) - kuester.rodrigo@gmail.com
Graduado em Relações Internacionais pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Mestrando no Programa Cidades Inteligentes e Sustentáveis (CIS) da Universidade Nove de Julho (UNINOVE). Já atuou como pesquisador bolsista por meio do programa de inici

Cristiano Capellani Quaresma (Universidade Nove de Julho - UNINOVE) - quaresma.cristiano@gmail.com
Doutor em Geografia pelo Instituto de Geociências/UNICAMP (2012). Mestre em Geografia na área de concentração em Análise Ambiental e Dinâmica Territorial - UNICAMP (2008). Além disso, formou-se nas modalidades Bacharelado e Licenciatura em Geografia pela

A paradiplomacia, seus atores e tendências

Estado da arte e contribuições adicionais.

INTRODUÇÃO

Sob uma perspectiva histórica, o estudo das Relações Internacionais tem se concentrado na análise das dinâmicas concernentes aos Estados nacionais, no que se refere aos padrões de interação com o Sistema Internacional e com o mundo político. Contudo, nas últimas décadas, a disciplina tem seguido na direção de entender a mudança deste cenário, concentrando-se sob a perspectiva de insurgência de uma sociedade global, na qual as preocupações transcendem os interesses dos Estados, e se encaminham para inclusão de novos atores relevantes no Sistema Internacional, tais como as organizações intergovernamentais, corporações transnacionais, organizações não governamentais (ONGs) e novas espécies de redes (Barnett; Sikkink, 2008).

Advindo deste cenário e levando em consideração a literatura especializada, a diplomacia dos governos subnacionais – ou mais comumente identificada como paradiplomacia - pode ser considerada como fenômeno concernente desta sociedade global e do mundo globalizado. Embora, a discussão conceitual do termo ainda seja um grande entrave para a solidificação do campo de pesquisa¹, Ribeiro (2009) identifica que “o neologismo paradiplomacia surge na literatura científica nos anos 1980, servindo para descrever as atividades internacionais dos Estados federados canadenses e americanos no contexto da globalização”. De modo complementar, Zabala (2000) acrescenta que “o prefixo “para” designaria além de algo paralelo, algo associado a uma capacidade acessória ou subsidiária, referindo-se à atuação “diplomática” dos governos subnacionais”.

Embora ainda falte uma maior consolidação de novas definições e discussões sobre sua abrangência, a atividade paradiplomática tem sido relacionada ao engajamento de governos subnacionais nas Relações Internacionais, “por meio de contatos formais e informais, permanentes ou provisórios, com entidades estrangeiras públicas ou privadas, objetivando promover resultados socioeconômicos, políticos ou de outra dimensão externa ao alcance de sua competência constitucional” (CORNAGO, 2004). De acordo com Tavares (2014), a atuação dos atores neste cenário abrange uma série de ações de caráter internacional, realizadas por governos que não possuem centralidade, sendo essa nova dimensão das Relações Internacionais “o resultado natural de duas forças motrizes: a globalização veloz e a tendência de descentralização do poder público”.

Neste sentido, estas atividades diplomáticas exercidas pelos entes subnacionais além de serem reconhecidas na prática, também são

¹ Ver mais em: PRADO, Débora Figueiredo Mendonça do. *A atuação internacional dos governos subnacionais: construções conceituais, limites e contribuições para o caso brasileiro*. In. Rev. Carta Internacional, vol. 13, n.º 3, 2018, p. 157.

notadamente observadas pela esfera acadêmica, ainda que, de certa forma, sua relevância seja contestada pelas principais correntes teóricas que abrangem o tema².

Atualmente, o cenário pandêmico imposto pela COVID-19 expõe com muita propriedade a forma como a inserção internacional dos atores subnacionais pode impactar todo um contexto sociopolítico em esfera local e nacional. Como exemplo, podem ser citadas as ações realizadas pelo estado de São Paulo acerca da produção e compra de vacinas através do acordo firmado entre o Instituto Butantan e a biofarmacêutica chinesa Sinovac. Além desse, pode ser citada ainda a compra de respiradores pelo estado do Maranhão, por meio de uma via alternativa e de caráter internacional³.

Desse modo, tem-se, de um lado, a falta de consenso sobre uma definição precisa e universal do termo paradiplomacia, bem como a contestação da importância do tema por parte das principais correntes teóricas existentes. Por outro lado, verificam-se a efervescência e a importância das atividades paradiplomáticas, conforme observado no cenário pandêmico atual, e que contribuem para a solução de problemas que afetam as demais escalas dos entes federativos, as quais, por meio das ações paradiplomáticas, têm encontrado soluções para questões que afetam, sobretudo, a escala regional e municipal. Neste sentido, tal como observado por Ribeiro (2009) ao analisar a paradiplomacia dos municípios brasileiros, é mensurável os benefícios advindos destas atividades internacionais para as cidades, principalmente no que se refere à captação de recursos financeiros, atração de investimentos, aumento de cooperações técnicas e o reconhecimento municipal a nível internacional (RIBEIRO, 2009). Estes fatores, portanto, demonstram a relevância da paradiplomacia para o desenvolvimento e o planejamento urbano das cidades.

Além disso, Keating (1998), buscando caracterizar as atividades internacionais dos entes subnacionais, destaca que estes movimentos, em linhas gerais, não possuem origem ideológica e nem critérios bem definidos. Ao contrário do Estado nacional, por exemplo, que carrega consigo a necessidade de estabelecer e de planejar sua própria política externa, os atores subnacionais se inserem em âmbito internacional por razões pragmáticas e com pouca linearidade.

Do mesmo modo, Vigevani (2005) identifica que as estratégias de *stop and go* são prevalentes nesta conjuntura. Segundo o autor, portanto, a inserção internacional dos entes subnacionais toma para si tal característica porque é dependente do grau de “empreendedorismo” dos governantes locais, que, hora ou outra, se inserem em âmbito internacional por motivos práticos. Neste sentido, o ativismo desses burocratas acabaria se tornando um termômetro para a atividade paradiplomática, que se aquece (*go*) e se resfria (*stop*) de acordo com suas ações e diretrizes.

² Ver mais em: PRADO, Débora Figueiredo Mendonça do. *A atuação internacional dos governos subnacionais: construções conceituais, limites e contribuições para o caso brasileiro*. In. Rev. Carta Internacional, vol. 13, n.º 3, 2018, p. 158.

³ Ver mais em: ALVARENGA, Alexandre Andrade; ROCHA, Erika Maria Sampaio; FILIPPON, Jonathan; ANDRADE, Maria Angélica Carvalho. *Desafios do Estado brasileiro diante da pandemia de COVID-19: o caso da paradiplomacia maranhense*. In. Cadernos de Saúde Pública, v. 36, p. 1/e00155720, 2020.

Sob outra perspectiva, o fenômeno paradiplomático vem sendo visto com olhares atentos pela esfera acadêmica. Mesmo que, de certa maneira, a diplomacia subnacional tenha sido menosprezada por correntes teóricas importantes das Relações Internacionais e das Ciências Políticas, a quantidade de produções científicas e de acontecimentos empíricos recentes torna inegável que a paradiplomacia seja objeto relevante de análise pelas disciplinas mencionadas.

Diante do exposto, o presente estudo visa responder a duas perguntas norteadoras: Como se apresenta o estado da arte atual da produção científica referente ao tema paradiplomacia e, assim como acontece na práxis, seria possível verificar se esta produção científica tem seguido uma lógica *de stop and go*, dependendo, portanto, do empirismo relacionado às atividades internacionais dos entes subnacionais?

Nesse sentido, o presente artigo buscou analisar o estado da arte atual da produção científica sobre o tema paradiplomacia, bem como se tal produção se caracteriza por uma tendência de *stop and go*, tal como se verifica na lógica empírica das atividades internacionais dos entes subnacionais.

Como justificativa ao presente estudo, aponta-se que não foram identificados trabalhos que se dedicaram à análise semelhante à qual está sendo proposta no âmbito da presente pesquisa, especialmente com base na produção acadêmica dos últimos cinco anos (2017 a 2021). Dessa maneira, o presente artigo, visando contribuir para o suprimento da necessidade de novos estudos sobre a temática apresentada buscou analisar o estado da arte sobre a paradiplomacia no tempo presente. Este esforço, portanto, contribuirá para o fortalecimento do entendimento dos potenciais das ações paradiplomáticas, bem como, para com futuras pesquisas que possam encontrar aqui uma base para o estabelecimento de alicerces com vias ao avanço neste campo de estudo.

Por fim, é válido ressaltar ainda que tal potencial paradiplomático poderia apresentar, assim como observado em relação à pandemia do novo coronavírus, novos modelos de resolução de problemas a nível local e de planejamento urbano nas cidades, uma vez que as políticas *top-down one size fits all*, talvez, já não sejam tão eficientes como deveriam. Neste sentido, a relevância da paradiplomacia e da autonomia subnacional para resolver seus próprios problemas faz-se importante em um cenário, no qual, parece ser evidente a ausência do Estado, e a ascensão das vulnerabilidades socioambientais advindas desta conjuntura.

METODOLOGIA

No que diz respeito a seus objetivos, a presente pesquisa pode ser classificada como um estudo exploratório e de abordagem qualitativa. Já no que se refere aos seus procedimentos técnicos, trata-se de uma análise bibliométrica com foco na literatura especializada sobre a paradiplomacia pertencente aos últimos cinco anos (de 2017 a setembro de 2021). Neste sentido, de acordo com Spinak (1996, tradução nossa), “a bibliometria estuda a organização dos setores científicos e tecnológicos a partir das fontes bibliográficas e das patentes, para identificar os atores, suas contribuições e suas relações e tendências”. De modo complementar, Donthu *et al* (2021,

tradução nossa) concluiu que a “análise bibliométrica é um método popular e rigoroso para análise e exploração de grandes volumes de dados científicos. Isso nos permite desvelar nuances evolucionárias de um campo em específico, ao passo que evidencia áreas emergentes ligadas a esta mesma área de observação”. Para tanto, foram utilizadas três bases de dados bibliográficos: *Web of Science (WOS)*, *Scopus* e *Scientific Electronic Library (SciELO)*.

No que diz respeito às *strings* de busca, verificou-se que os termos *paradiplomacia*, *paradiplomacia* e *paradiplomacy* se destacaram significativamente em relação a outros termos que também são utilizados para se referirem às atividades internacionais dos entes subnacionais. À vista disso, decidiu-se pela utilização exclusiva dos três termos apontados. Desse modo, adotando-se como recorte temporal de análise os últimos cinco anos (de 2017 a setembro de 2021), foi possível realizar uma seleção preliminar de 120 trabalhos concernentes ao objeto central de análise. Na sequência, com base na leitura dos títulos e resumos dos referidos trabalhos e aplicando-se os critérios de inclusão e exclusão, conforme tabela 1, foram selecionados um total de 75 produções científicas, as quais foram lidas de maneira integral com vistas a atender aos objetivos propostos no presente estudo.

Tabela 1 - Critérios de inclusão e exclusão

A	Somente artigos com no máximo 05 anos de publicação.
B	Somente artigos publicados nas seguintes bases: <i>Scopus</i> , <i>SciELO</i> e <i>Web of Science</i> .
C	Somente resultados advindos da busca pelos termos "Paradiplomacia", " <i>Paradiplomacia</i> " e " <i>Paradiplomacy</i> ".
D	Somente artigos publicados nos seguintes idiomas: Espanhol, Inglês e Português.
E	Somente artigos que possuam estudo de casos como metodologia.
F	Somente artigos disponibilizados na íntegra.
G	Somente artigos que tratam a paradiplomacia como objeto central de análise.
H	Somente artigos que puderam ser acessados em sua completude.

Fonte: Os autores, 2021.

O acesso aos artigos extraídos das bases de dados observadas foi possibilitado pelo *login* oferecido aos alunos de mestrado da Universidade Nove de Julho (UNINOVE), através do Portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal (Capes), a luz da plataforma da Comunidade Acadêmica Federada (CAFe). Portanto, muitos desses trabalhos não estão enquadrados como *open source*, ou seja, não estão disponíveis de forma gratuita e aberta à população em geral.

Já no que diz respeito à análise de conteúdo sobre os trabalhos selecionados, em um primeiro momento, a *Figura 1* - que se propôs a correlacionar a quantidade de trabalhos produzidos com os seus respectivos anos de publicação, teve seu processo de concepção da seguinte maneira: o *software RStudio* foi utilizado para extrair as informações inerentes às obras encontradas nos repositórios *Scopus* e *Web of Science*, enquanto que os títulos exclusivos da plataforma *Scielo* foram analisados de forma manual. Da mesma maneira, as *Figuras 2, 3 e 4* seguiram em direção ao mesmo procedimento metodológico, no qual os temas inerentes aos estudos de casos e os seus respectivos continentes foram observados por meio da leitura preliminar das pesquisas selecionadas e com o auxílio do programa *RStudio*.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Levando-se em conta a análise dos 75 trabalhos científicos, devidamente selecionados conforme os procedimentos metodológicos descritos no item anterior, é possível verificar, por meio da *Figura 1*, uma tendência de continuidade (*go*) e descontinuidade (*stop*) acerca dos trabalhos sobre paradiplomacia ao longo dos anos considerados.

Em 2017, foram publicados 17 trabalhos e, entre 2018 e 2019, houve uma ligeira redução no que diz respeito às pesquisas relacionadas ao campo.

Em 2020, no entanto, percebe-se uma estagnação da atividade acadêmica em relação ao ano anterior, seguido por um aumento considerável em 2021, atingindo o total de 18 produções até o mês de setembro. Sob essa perspectiva, conjectura-se, então, que possivelmente mais produções poderiam ser observadas caso esta pesquisa abrangesse o ano de maneira integral.

Figura 1 – Produção científica sobre paradiplomacia no período considerado (2017 a 2021)



Fonte: Os autores, 2021.

Contudo, conforme já destacado, o intuito também segue no sentido de entender se, de modo geral, esta tendência de *stop and go* das produções científicas sobre a paradiplomacia teria alguma correlação com o empirismo político, e ou com alguma conjuntura específica em determinado período de tempo dentro do recorte temporal observado. Sendo assim, como tentativa de oferecer complementariedade ao estudo, a proposta principal também caminha em direção a se investigar se os temas abordados pelos estudos de casos possuem alguma correlação com os anos em que foram publicados e os acontecimentos empíricos sobre a diplomacia subnacional em tal contexto. Dessa maneira, esse trabalho abriria uma oportunidade para que estudos robustos se inteirem com mais propriedade sobre o tema.

Portanto, ao analisar o ano de 2021, é possível mensurar a importância deste período para os estudos sobre a internacionalização dos entes subnacionais, haja vista a quantidade de obras produzidas neste ínterim. Uma hipótese para o aumento na produção científica no ano de 2021 pode ser relacionada ao impacto da pandemia do novo coronavírus.

Neste sentido, após a revisão da literatura, é possível identificar que dos trabalhos pertencentes ao recorte temporal supracitado, aproximadamente um terço deles faz algum tipo de consideração em relação à pandemia de COVID-19 e seus prováveis impactos sobre a paradiplomacia. Como exemplo, pode ser citado o trabalho de Yu *et al.* (2021), os quais elucidaram que as questões concernentes aos problemas de saúde global, principalmente ascendidos pela conjuntura pandêmica do novo coronavírus, têm direcionado a diplomacia das cidades a focar em cooperações internacionais para o compartilhamento das melhores práticas de saúde urbana, bem como a doação de suprimentos médicos entre cidades irmãs.

Outro exemplo pode ser encontrado em Guimarães e Silva (2021), os quais procuraram analisar a participação do governo federal brasileiro e de seus respectivos entes subnacionais na adoção de políticas indicadas pela comunidade internacional ao enfrentamento da pandemia causada pela COVID-19. Neste contexto, o artigo buscou entender também as ações paradiplomáticas em tal conjuntura, além de suas possíveis consequências para o sistema federalista brasileiro. À guisa de conclusão, os autores demonstraram que a participação dos entes subnacionais - em um contexto no qual o governo federal apresentou dificuldades em estabelecer um plano nacional para o combate a pandemia, e para a vacinação -, se fez notável e importante.

Ressalvas, no entanto, puderam ser feitas acerca de tais medidas se observadas à luz da aprovação e da reprovação popular sobre o assunto: se por um lado, as diretrizes paradiplomáticas adotadas pelos governos locais foram objeto de aprovação por parte de muitos cidadãos, por outro, mesmo estando em congruência com as normas internacionais sobre o combate à pandemia, sofreram rejeições consideráveis por parte da sociedade. Talvez, como mencionado pelos autores, o fator preponderante para tal objeção se personificou na dificuldade encontrada pelos entes federativos em não conseguirem estruturar estratégias robustas para pôr fim à crise sanitária. Todavia, esta dificuldade pode ser caracterizada pela falta de um plano de ação e de orientação advindo do governo federal em auxílio às políticas

públicas realizadas pelos entes subnacionais nesta seara (GUIMARÃES; SILVA, 2021).

Destaca-se também o trabalho de Henek Bhöm (2021), que buscou demonstrar a escalada do unilateralismo trazido à tona pela pandemia de COVID-19, com a restrição nos fluxos transfronteiriços e arranjos de cooperação no âmbito da União Europeia através de medidas restritivas de circulação de pessoas propostas pelos governos federais dos países pertencentes – característica essa que o autor se refere como *covidfencing*. Sob esta égide, é discutido que a crise sanitária do novo coronavírus reintroduziu fronteiras no íntimo da integração regional, episódio o qual tornou mais complexa a vida das pessoas, bem como as atividades paradiplomáticas nessas regiões de fronteira. A partir disto, o autor caminha em direção a demonstrar a relevância dessas cooperações transfronteiriças por meio de cinco papéis principais advindos desta prática, e como o surto pandêmico em relação à COVID-19 teve influência em cada um deles.

A competição estratégica, por influência na região do Indo-Pacífico por estadunidenses e chineses, se direciona para muito além de se constituírem apenas como prerrogativas inerentes ao Estado nacional. Aliás, os entes subnacionais nessa conjuntura vêm exercendo papel central em relação ao desenvolvimento das ações no tabuleiro geopolítico que se insere a região. Tidwell (2021), portanto, investiu esforços em estudar justamente este contexto, ao observar o papel de Beijing no chamado *Chinese Belt and Road Initiative (BRI)*, e a inserção de entes federados dos Estados Unidos - como Nevada, Wisconsin e Washington - na promoção e treinamento da defesa nacional de alguns países insulares localizados no pacífico, tais como Tonga, Fiji e Papua Nova Guiné.

Por conseguinte, Tidwell (2021) se abre à discussão – embora de maneira ligeira - sobre os possíveis impactos da pandemia referente à COVID-19, no que diz respeito aos futuros cenários previstos para a paradiplomacia, bem como, para tais relações estratégicas que permeiam o Indo-Pacífico. A princípio, é elucidado que este contexto futuro na região será influenciado por quatro fatores centrais, sendo um deles, justamente as consequências econômicas impostas pela pandemia nesta conjuntura. Neste sentido, o referido autor argumenta que este cenário de preocupação econômica levará ao redirecionamento da busca por Investimentos Externos Diretos (IED) e de outros mercados. Com igualdade, ao citar as perspectivas econômicas alçadas pelo Banco Mundial, é sublinhado que a pandemia do novo coronavírus está propensa a deixar cicatrizes duradouras em vários âmbitos, como a redução de investimentos, erosão do capital humano de desempregados, e a retração do comércio global e de *supply linkages*. Portanto, estas previsões, como mencionado, enfatizam a necessidade de se encontrar novas formas de investimentos externos, além de novos mercados para exportação, e é, nesta seara, que a paradiplomacia desenvolveria um papel importante para a consecução de tais objetivos.

Sem embargo, a correlação entre as variáveis inerentes à política externa de Estados Unidos e China, sobretudo, no que diz respeito às atividades internacionais dos entes subnacionais e dos possíveis impactos da pandemia nessa circunstância, não fora objeto de análise exclusivamente de Tidwell. Tubilewicz e Omond (2021), a priori, dedicaram-se à ilustração do

engajamento internacional das unidades subnacionais concernentes aos Estados Unidos, e suas relações com a China e Taiwan, desde 1949 até 2020. Neste contexto, os autores compreenderam que a paradiplomacia não deveria ser enxergada apenas como política de baixo perfil de cooperação econômica e cultural, mas sim, de *high politics* com o devido reconhecimento diplomático.

A pandemia do novo coronavírus, então, trouxe novos cenários para o âmago das relações entre os países observados. Fato que permitiu à Tubilewicz e Omond (2021) concluir que, em um primeiro momento, as relações paradiplomáticas alavancadas pela crise sanitária se desenvolveram por meio de auxílios dos governos da República da China e Taiwan – principalmente no que tange a doações financeiras e de máscaras cirúrgicas – aos governos centrais e subnacionais estadunidense. Sob outro prisma, alguns entes subnacionais, tais como a Flórida e Missouri, entraram com ações contra o governo chinês no sentido de denunciar supostos comportamentos negligentes e enganosos nas fases iniciais da pandemia.

Portanto, ao se observar as discussões propostas nesta seção, é correta a percepção de que a paradiplomacia e a atual conjuntura pandêmica mundial, de fato, podem se relacionar. No entanto, o discorrimento realizado sobre o assunto ainda é, de certa forma, frágil ao afirmar que a pandemia teve impacto direto sobre a produção científica sobre o tema e que, em linhas gerais, haveria também uma tendência de *start (go)* imbuída em âmbito acadêmico no que se refere à diplomacia subnacional.

Neste sentido, se por um lado, a quantidade de produções que observou a paradiplomacia exclusivamente sob a perspectiva da COVID-19 fora incipiente, por outro, alguns trabalhos deram conta de reconhecer a importância da pandemia como variável de impacto sobre as atividades paradiplomáticas atualmente, mesmo que não os tome como objeto central de análise. Sendo assim, ao se fazer um exercício de subtração destas produções que levaram em consideração a correlação entre o coronavírus e o engajamento internacional dos entes subnacionais, coincidentemente, o ano de 2021 regressaria ao mesmo patamar de 2020, em relação ao número de obras pertencentes ao período. Fato que reafirma a tendência de continuidade e descontinuidade nos trabalhos sobre paradiplomacia, conforme destacado anteriormente.

Logo, o que se espera entender a partir desta observação é se durante o ano em que a pandemia de COVID-19 se consolidou (2020), as produções já tratavam a crise sanitária como fenômeno influente nos assuntos paradiplomáticos ou não. Esta apuração, portanto, colaboraria para a tentativa de entender se a manutenção do número de pesquisas neste período em comparação ao ano anterior (2019) - que já vinha em decréscimo -, se deu pela inserção dos acontecimentos ligados à pandemia – fato que poderia ter elevado a criação de trabalhos neste espaço de tempo -, ou se essa estabilização se desenvolveu por outros motivos. Esta elucidação, por fim, seria a última peça necessária para a tentativa de se chegar à conclusão se, de fato, o novo coronavírus teve interferência positiva em relação à produção científica intrínseca à paradiplomacia.

Alvarenga *et al.* (2020), neste contexto, dedicou-se a observar exclusivamente as relações paradiplomáticas à luz da pandemia causada pela

COVID-19. Como objeto de análise, observou as ações internacionais do estado do Maranhão, essencialmente ao firmar acordos internos e externos para a compra de aparelhos respiratórios a revelia do governo federal, em um momento no qual a busca por suprimentos e equipamentos médicos era acirrada. O que se pode concluir a partir desta elucidação, caminha no sentido de que a inserção internacional do governo estadual maranhense se delineou com base em algumas prerrogativas: 1) pela ineficiência e pela ausência do governo central ao auxiliar os entes federativos no combate à pandemia; 2) pela própria conjuntura excepcional causada pela crise sanitária do novo coronavírus, que impulsionou a necessidade dos atores subnacionais a procurarem outras formas para lidarem com seus respectivos problemas e; 3) pela atuação já consolidada do Maranhão em assuntos paradiplomáticos, o que permitiu a ratificação do seu compromisso com a chamada Diplomacia da Saúde Global.

Por fim, de forma mais sucinta, Sarmiento *et al.* (2020) analisaram as relações paradiplomáticas entre Barranquilla (Colômbia) e Nanjing (China) no contexto proposto pela COVID-19. Nesta ocasião, o prefeito da cidade colombiana, Jaime Pumarejo Heins, se reuniu com o embaixador chinês na Colômbia, Lan Hu, com a finalidade de se estabelecer vínculos a título de “cidades-irmãs” entre os municípios observados. Advindo desta conjuntura, a cidade de Nanjing anunciou a doação de cerca de 30.000 mil máscaras de proteção para os profissionais da área da saúde de Barranquilla. Por outro lado, o prefeito colombiano se comprometeu a estreitar as relações entre as cidades, não apenas em momentos de crise, mas no que diz respeito à recuperação dos municípios em um cenário pós-pandemia.

Em suma, as duas produções apresentadas relatam a totalidade de trabalhos científicos que enxergaram a paradiplomacia e a crise sanitária causada pelo novo coronavírus como elementos que se correlacionam e que foram publicados em 2020. Diante disso, a conclusão que se pode chegar sobre os possíveis impactos da COVID-19 sobre o crescimento da produção acadêmica referente à paradiplomacia nos últimos anos passa pelos seguintes pontos:

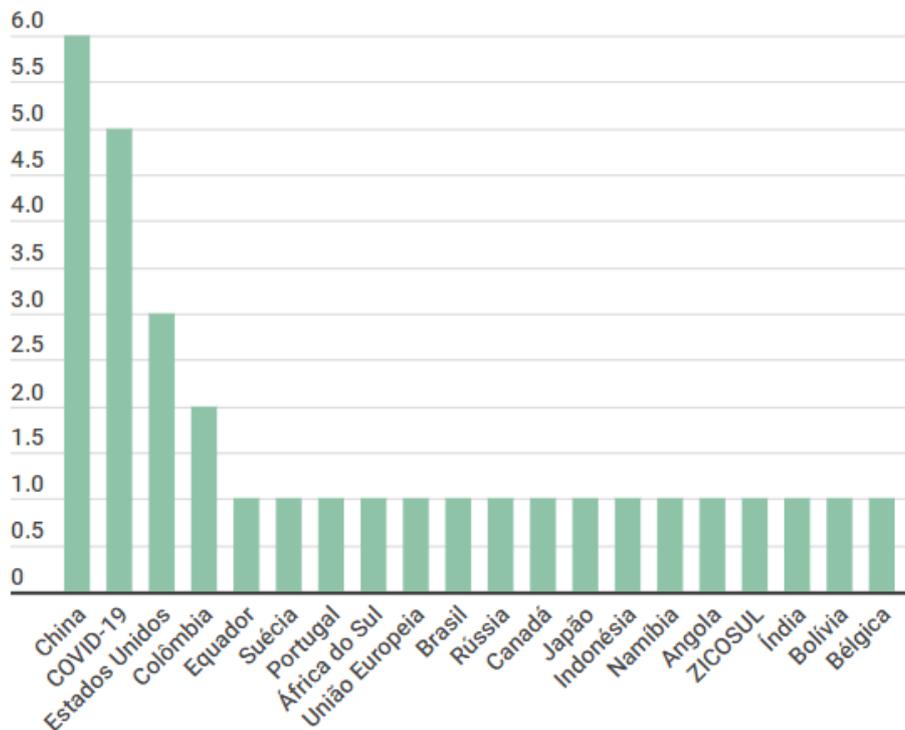
1. Embora a análise bibliométrica não permita atrelar diretamente, à pandemia de COVID-19, o aumento exponencial das produções científicas sobre paradiplomacia em 2021, a realidade pela qual o Sistema Internacional vem atravessando, além dos consequentes esforços advindos dos entes subnacionais para lidarem com seus próprios problemas provenientes da crise sanitária, poderia ter atuado como um farol para que a academia voltasse seus holofotes para as atividades paradiplomáticas. Tal realidade, de certa forma, seria capaz de demonstrar também a relevância da paradiplomacia em temas que envolvessem seus respectivos problemas locais. Isso porque, como observado ao longo desta seção, quase 30% dos trabalhos publicados neste período, mencionaram a COVID-19 como fator influente sobre a atividade internacional dos entes subnacionais em tal contexto.

2. Um dos pressupostos essenciais de um trabalho acadêmico é oferecer um campo fértil de ideias para que futuras pesquisas floresçam e avancem sobre a temática abordada em uma determinada produção. Neste sentido, pode-se conjecturar através das análises realizadas neste trabalho, a tendência de ascensão (*go*) das pesquisas científicas sobre paradiplomacia, que por sua vez, teriam sido impulsionadas pela conjuntura pandêmica. No entanto, a ratificação desta hipótese só poderia ser consolidada daqui alguns anos, já que ainda estamos em fase inicial de assimilação sobre as implicações causadas por este cenário. Portanto, somente as produções futuras poderão dizer com mais propriedade se o novo coronavírus impactou de forma substancial, ou não, a esfera acadêmica relacionada à paradiplomacia em 2021.

3. Outro ponto a ser levado em consideração diz respeito ao momento exato da elaboração dos trabalhos que, teoricamente, foram analisados como pertencentes ao ano de 2021. Embora, a data de publicação dos artigos seja a principal característica ponderada nesta investigação, não se pode menosprezar, no entanto, o contexto que a obra foi elaborada. Assim sendo, algumas destas publicações tiveram seus processos de criação, ou até mesmo seus processos de submissão ainda sob a égide de 2020. Logo, pode-se inferir que de fato há uma variável de retroatividade imbuída nesta análise, ou seja, a ideia proposta no item dois sobre o futuro diagnóstico sobre a produção acadêmica pertinente à paradiplomacia e a COVID-19 pode demonstrar um *boom* dessas produções ainda no final de 2021, e se consolidando em 2022. Essa é a hipótese levantada por este trabalho.

Retornando ao local de partida, onde se propõe entender se a produção científica sobre a paradiplomacia, assim como na práxis, também poderia ser caracterizada como *stop and go*, outros aspectos ainda se mostram relevantes e merecem atenção especial. Primeiramente, esta pesquisa continuará a examinar as demais obras que não fizeram correlação entre coronavírus e paradiplomacia em 2021, para tentar enxergar sob outro prisma, o motivo deste aumento exponencial no ano observado.

Com vias a analisar a participação dos países nas produções científicas inerentes ao tema paradiplomacia, elaborou-se a *Figura 2*, com base na distribuição espacial dos 75 estudos selecionados no âmbito do presente trabalho.

Figura 3 – Distribuição temática da produção científica ao longo do ano de 2021

Fonte: Os autores, 2021.

Contudo, nota-se também, que no ano anterior (2020) foi possível observar mais 4 produções oriundas de estudos de casos que contemplaram as atividades internacionais das províncias chinesas, tais quais: Jason Cheung (2020), Liu e Song (2020), Eduardo Oviedo (2020) e Ginanjar *et al.* (2020). Com isso, o período abrangido por 2020 e 2021 foi responsável por abarcar 10 pesquisas científicas sobre o tema, em comparação com a totalidade de 13 produções ao longo dos 5 anos submetidos ao recorte temporal de análise. As outras 3 obras restantes estão distribuídas aos demais anos, com uma produção em 2019 (Wai Chan, 2019), outra em 2018 (Miguel Neves, 2018) e por fim, mais uma em 2017 (Czeslaw Tubilewics, 2017). Portanto, a partir desta análise bibliométrica é possível afirmar que os estudos sobre a paradiplomacia dos entes subnacionais chineses e o cenário pandêmico imposto pela COVID-19 impactaram de modo substancial as produções acadêmicas em 2020 e 2021.

Ademais, é válido ressaltar ainda que, nestes últimos dois anos observados, outros países apresentaram certa representatividade neste espaço de tempo, à exemplo dos Estados Unidos da América, que, em 2021, respondeu por 3 produções sobre a temática, conforme os trabalhos já citados de Alan Tidwell (2021) e Tubilewicz e Omond (2021), que analisaram a paradiplomacia à luz das relações China-EUA, além da produção de Julian Jaurisch, (2021) acerca da participação dos entes subnacionais estadunidense nas negociações comerciais transatlânticas.

O Brasil, por sua vez, figurou em 2020 com outras 3 produções: 1) Teixeira e Cichovski (2020), retratando a questão do federalismo na gestão da Floresta Amazônica; 2) a já observada produção de Alvarenga *et al.* (2020),

sobre a atuação do estado do Maranhão diante da pandemia de COVID-19 e; 3) Froio e Medeiros (2020), que se inclinaram a entender a paradiplomacia entre o Brasil e a Europa.

No mais, o restante das pesquisas não apresentou linearidade significativa para uma tentativa de análise referente a essas produções sob a égide dos anos 2021 e 2020, ou seja, os estudos de casos contemplaram diversos temas específicos e sem nenhuma ligação estabelecida entre si. Aliás, essa tem sido uma tendência ao longo dos anos observados: a proeminência de um determinado assunto em um dado período de tempo, seguido por estudos de casos avulsos e ou aleatórios. O ano de 2019, por exemplo, trata-se de mais um dos recortes temporais que representa muito bem tal característica, com o Canadá respondendo por 5 produções das 13 obras inerentes ao ano, seguido por Argentina (3) e uma gama diversificada de casos temáticos randômicos.

Logo, uma vez apresentada a distribuição geográfica mundial da produção científica sobre a temática em estudo, principalmente ao elucidar o peso das produções sobre a paradiplomacia chinesa nos anos de 2020 e 2021, destarte, serão discutidos os trabalhos que trataram a questão paradiplomática sob a perspectiva do ano de 2019, sobretudo, com a proeminência das províncias canadenses neste contexto.

Gehendra Kharel *et al.* (2019), observaram, então, as idiosincrasias referentes ao gerenciamento de inundações no âmbito do *Devils Lake* (divisa entre Canadá e Estados Unidos). Neste sentido, é elucidado que o persistente problema na região possui pouca probabilidade de ainda ser resolvido por meios de ações formais. A conclusão em que se pode chegar é a de que os atuais planos de mitigação e estratégias de gerenciamento de bacias hidrográficas para o *Devils Lake* são baseados em entendimentos históricos sobre as dinâmicas socioeconômicas relacionadas ao clima, além de serem guiadas por ferramentas tradicionais que já vêm se provando inadequadas para a solução de tais problemas ao longo do tempo. Ademais, estas políticas ainda se mostraram engessadas ao lidarem com questões que demandam emergência e ações imediatas. Portanto, os autores propõem o *framework* identificado por paradiplomacia verde, ou *green paradiplomacy*, e ratificam que “nós acreditamos que a paradiplomacia verde possui potencial para o gerenciamento á longo prazo dos problemas ambientais transfronteiriços através da colaboração e negociação entre os *stakeholders* locais” (KHAREL *et al*, 2020, tradução nossa).

Leah Sarson (2019), por sua vez, trouxe para o cerne da discussão a pouca relevância oferecida à paradiplomacia realizada por governos subnacionais indígenas. Neste sentido, o trabalho buscou demonstrar o impacto destes atores nas negociações de novos relacionamentos em âmbito interno e externo, bem como, na formação de cooperações econômicas, na contratação de empresas privadas para angariar capital, no financiamento de missões econômicas e também na abertura de escritórios em lugares-chave para impulsionar oportunidades de investimento em projetos de extração de recursos. Como pano de fundo, a pesquisa observou a paradiplomacia dos governos indígenas sob a perspectiva do Canadá e Estados Unidos, no âmbito das negociações inerentes ao Tratado Norte-Americano de Livre-Comércio (NAFTA).

Richard Stren e Abigail Friendly (2019), ao examinarem as atividades internacionais dos municípios de São Paulo e Toronto sob perspectiva comparada, adotaram como questão de pesquisa a ideia relacionada à como os prefeitos se ajustaram aos novos desafios e oportunidades trazidos pelo avanço da urbanização e pelo desenvolvimento econômico. Neste sentido, se esforçaram a entender como a paradiplomacia neste cenário pôde contribuir para a mudança sobre o entendimento acerca das políticas locais. Ao observarem as iniciativas tomadas pelos prefeitos de ambas as cidades, logo, puderam concluir que os municípios possuíam um longo histórico na seara da paradiplomacia.

Contudo, os autores indicaram alguns caminhos erráticos que os municípios percorreram ao longo desta história. Toronto, por exemplo, tem sua trajetória paradiplomática muito parecida com o que fora abordado no início deste artigo, ao se levar em consideração que a paradiplomacia está circunscrita diretamente ao empreendedorismo dos governantes, que ora aquecem as atividades internacionais de acordo com suas diretrizes (*go*), e ora não dão muita importância para tal compromisso (*stop*). Segundo Stren e Friendly, portanto, desde 1990, Toronto vem passando por oscilações em suas atividades paradiplomáticas, justamente pelas razões mencionadas acima, sendo que, no presente período, o prefeito da cidade, John Tory (início em 2014), tem empreendido diversas iniciativas de caráter externo e assinado acordos internacionais.

Conforme o caso observado sobre o município canadense, alguns pontos importantes puderam ser levados em consideração em relação à segunda pergunta norteadora desta pesquisa, quando se questionou se as produções científicas sobre a paradiplomacia, assim como na prática, também seguiria uma lógica de *stop and go*, seja ela de forma autônoma ou impulsionada pela realidade. Dessa forma, os trabalhos acadêmicos no ano de 2019, como já observado, contou com a presença maciça de estudos temáticos sobre o Canadá e seus respectivos entes subnacionais. Coincidentemente, 4 anos após a eleição de John Tory (seu primeiro mandato), houve um *boom* referente a atividade acadêmica que observou a paradiplomacia das cidades canadense ao longo do período examinado.

Logo, é inevitável que se faça um questionamento acerca desta conjuntura: é possível inferir, então, que o empreendedorismo imposto pelo prefeito de Toronto ajudou a impulsionar os estudos sobre a diplomacia dos entes subnacionais do país? Trata-se, no entanto, de uma pergunta difícil de se responder, já que segue o mesmo fio condutor quando observada a questão da COVID-19 e seu impacto nas produções sobre a paradiplomacia em 2021. Neste contexto, talvez, seja possível acreditar que a realidade apresentada ao longo do governo John Tory possa ter trazido à luz questões tangentes à paradiplomacia, as quais, por conseguinte, acabaram sendo contempladas pela academia.

Ademais, os trabalhos relacionados ao Canadá e a representatividade de seus entes subnacionais em arena global, podem ser encontrados nas obras de Matthias Finger e Lassi Heininen (2019), ao elucidarem as relações paradiplomáticas pelo prisma da região abrangida pelo Atlântico Norte e o Ártico, tomando como estudo de caso as Ilhas Faroé (território dependente da Dinamarca), Groelândia (Território autônomo pertencente à Dinamarca),

Nunavut (Canadá) e Svalbard (Noruega). Cristian Cantir (2019), por fim, traz sua perspectiva ao realizar uma pesquisa teórica sobre a literatura relacionada à diplomacia sub-estatal utilizando *insights* advindos de conflitos étnicos e de estudos nacionalistas. Como estudo de caso, o autor traz para a discussão Quebec, Tirol do Sul e as Ilhas Ålands (Finlândia) e seus papéis para a exacerbação, ou redução dos conflitos entre tais atores subnacionais e seus respectivos *Kin States* (França-Canadá, Áustria-Itália e Suécia-Finlândia, nessa ordem).

Sob uma nova perspectiva, se por um lado, os trabalhos analisados de 2019 a 2021 apresentaram, de certa forma, ênfase em países ou conjunturas específicas – como é o caso da China, do Canadá e da COVID-19 -, por outro lado, o ano de 2018 não seguiu apontando tais características. O que se pôde observar, no entanto, é que, para o referido ano, as produções científicas se voltaram para análises no contexto continental. Assim, a América Latina, por exemplo, esteve representada em 7 estudos de casos sobre a diplomacia das unidades subnacionais na região, com trabalhos distribuídos nos países como Chile, Brasil, Bolívia, Perú, Paraguai, além da Argentina. De maneira geral, é possível observar que o continente representou exatamente a metade das pesquisas acadêmicas referentes ao ano. Por conseguinte, assim como observado anteriormente, houve uma gama variada de trabalhos randômicos que abarcaram regiões como a Polônia, República Tcheca, Emirados Árabes, Estados Unidos, México, China e Indonésia.

Além da proeminente presença latino-americana nos estudos sobre paradiplomacia em tal período, nota-se, também, uma tendência a trabalhos que buscaram analisar a diplomacia dos entes subnacionais por meio de um pano de fundo ligado a questões transfronteiriças. Nahuel Oddone *et al.* (2018) atentaram-se justamente a estas experiências paradiplomáticas que englobaram a América Latina, levando em consideração a Unidade Temática de Ambiente e Desenvolvimento Sustentável da Rede Mercocidades, como também, a União Europeia, através do *Pacto del Alcade en Câmbio Climático*. Já Cristian Santana e Sergio Miranda (2018) analisaram o papel exercido pela paradiplomacia desempenhada por atores das sociedades de Tacna (Perú) e Arica (Chile), com o objetivo de se alcançar uma paz social que os beneficiariam. Nessa ocasião, as agências de fronteira e os respectivos consulados tiveram participação importante neste cenário, indo de encontro, por muitas vezes, com as diretrizes impostas pela política externa de seus países.

Os autores, no entanto, não se limitaram ao estudo de caso supracitado. Em “*La dimensión identitaria de las expresiones paradiplomáticas entre Bolivia y Chile: una lectura desde dos otredades*”, o objetivo do trabalho foi de se entender a dimensão identitária de grupos locais e as expressões paradiplomáticas entre o norte do Chile e o Centro-Oeste da Bolívia, principalmente em regiões como Oruro e Tarapacá. Tito de Oliveira e Rainne Feitosa (2018), não obstante, observaram a paradiplomacia como ferramenta de cooperação transfronteiriça para a resolução de problemas locais, bem como, objeto de predição de oportunidades que poderiam ser compartilhadas entre os atores em regiões de fronteira, tanto no que diz respeito ao Brasil, como em relação ao Paraguai e Bolívia. O estudo, portanto, teve como retrato

as cidades de Ponta Porã-Pedro, Juan Caballero e Corumbá/Ladário - Puerto Quijarro/Puerto Suárez.

Por fim, Karla Aguirre e Gustavo Córdova (2018), por meio de um estudo descritivo que abordou a paradiplomacia tranfronteiriça sob a perspectiva das regiões de Reynosa (México) e McAllen (Estados Unidos), trouxeram à tona questões relacionadas ao desenvolvimento econômico de tais cidades, à luz do Tratado Norte-Americano de Livre-Comércio (NAFTA). Para tanto, foram observadas as interações entre os governos de Reynosa e de Tamaulipas e a Organização *McAllen Economic Development Corporation (MEDC)*, que fomentaram o emprego e os investimentos na região gerando desenvolvimento econômico nesta área de fronteira.

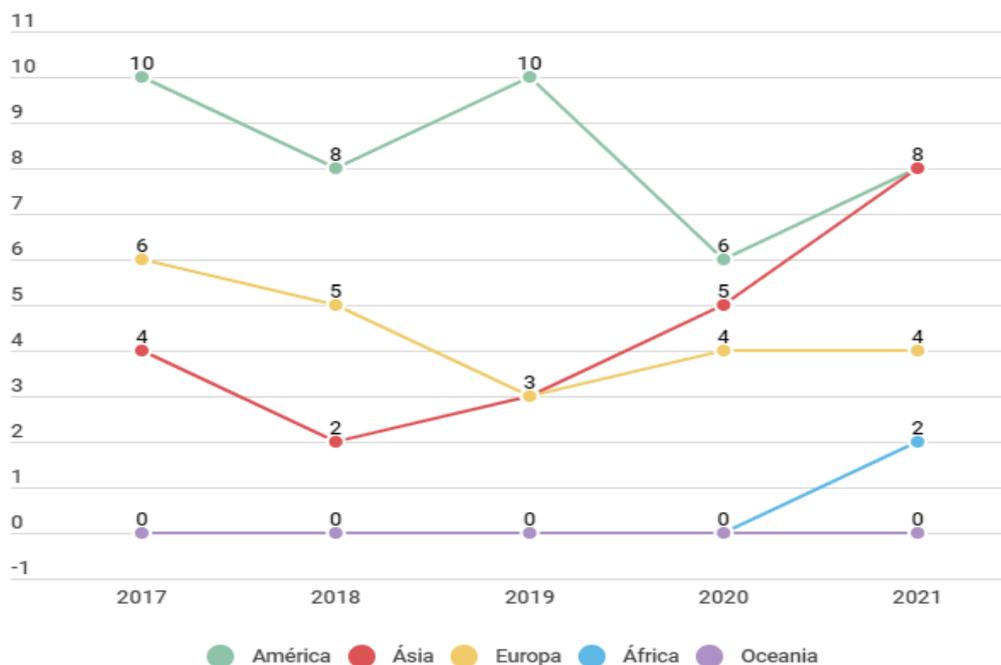
O ano de 2018, portanto, demonstrou a contribuição que os estudos sobre paradiplomacia na América Latina e que envolveram cooperação transfronteiriça tiveram neste espaço de tempo. Assim como nos casos de Canadá, China e do contexto imposto pelo novo Coronavírus, cabe a uma futura análise de conjuntura e revisão sistemática da literatura com vias a explicar a relevância de tais temas em seus respectivos contextos.

Na contramão do que vem sendo apresentado ao longo desta pesquisa, o ano 2017, todavia, não demonstrou nenhuma linearidade no que diz respeito aos temas analisados. O que chama a atenção, entretanto, é a condição relevante que o ano demonstrou em relação aos trabalhos sobre paradiplomacia, haja vista que foi o segundo ano com o maior número de produções científicas se comparado a todo recorte temporal apresentado. Caso, o ano examinado demonstrasse a proeminência de um determinado assunto, como ocorrido nos demais anos, seria muito fácil para a presente pesquisa confirmar que os estudos sobre paradiplomacia são, ao menos, impulsionados por temas específicos, que poderiam ou não serem impulsionados por acontecimentos empíricos recentes.

Neste sentido, o papel do pesquisador é entender a alternância deste padrão, sem forçar os dados a se encaixarem no que seria mais viável e prático para se chegar a uma conclusão de acordo com suas crenças e desejos. Portanto, essa mesma variação apresentada pelo ano de 2017, como elucidado há pouco, não seguiu uma linearidade acerca dos estudos de casos referentes ao período, no entanto, o que também se pôde observar é uma linearidade em relação aos assuntos ao longo de todo o recorte temporal e que é reforçada e ou aflorada em 2017.

De acordo com a *Figura 4*, em 2017, a produção científica esteve definitivamente em alta, fato que traz veracidade para afirmação elucidada no parágrafo anterior.

Figura 4 – Distribuição dos estudos por continentes ao longo dos anos



Fonte: O próprio autor, 2021.

Ainda de acordo com a *Figura 4*, continentes como América e Europa tiveram o auge de suas publicações durante o período investigado. Já no que tange aos números referentes à Ásia, percebe-se que os trabalhos acadêmicos observados, também apresentaram números expressivos. Especificamente no contexto asiático, há de se ponderar que em 2021, por exemplo, houve uma explosão de casos relacionados à China e a paradiplomacia de suas províncias, logo, subentende-se que, inegavelmente, haveria aumento substancial das produções científicas sob esta conjuntura. Portanto, ao retirarmos o fenômeno descrito para o continente asiático em 2021, o ano de 2017 personificou-se no período que mais contribuiu para as pesquisas acadêmicas sobre a paradiplomacia na Ásia ao longo de todo o recorte temporal. As causas para o crescimento dos estudos nesta conjuntura, entretanto, não podem ser estabelecidas pela análise e dados obtidos no âmbito do presente estudo, pois, da mesma forma que o impacto da pandemia de COVID-19 em relação ao aumento dos trabalhos referentes à paradiplomacia ainda necessita de maior esclarecimento, o período compreendido por 2017 segue na mesma toada: são necessárias análises de anos retroativos e de revisões de literatura para entender tal contexto.

Ademais, a tentativa de se estabelecer parâmetros para a produção científica em 2017, sobretudo, desvelou outro dado importante e que somente pôde ser ratificado após tal análise final: a relevância do continente americano para os assuntos concernentes às atividades internacionais atuais dos entes subnacionais. Dos 75 trabalhos relacionados para a compreensão do estado da arte sobre a paradiplomacia no tempo presente, 42 deles versou sobre a diplomacia sub-estatal no continente. A discrepância entre as outras regiões é mais uma variável a ser levada em consideração, haja vista que a Europa esteve representada em 22 trabalhos, assim como o continente asiático, que

representou outras 22 obras relacionadas à paradiplomacia. É válido ressaltar, no entanto, que tais dados são enxergados sob uma perspectiva bruta, ou seja, geralmente alguns estudos de casos observaram mais de um continente/país/ente subnacional em uma mesma produção. A ideia aqui, de modo geral, é simplesmente demonstrar em quantos trabalhos tais atores foram objetos de análise, mesmo que se correlacionem em um mesmo estudo de caso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo verificar o estado da arte da produção científica recente (últimos cinco anos) sobre o tema paradiplomacia. Além disso, buscou-se verificar se tal produção seguiria a tendência de *stop and go*, tal como apontada por Vigevani (2006), além de se observar se esta tendência seria impulsionada pelo empirismo paradiplomático, ou por alguma conjuntura em específico. Portanto, a análise referente aos períodos e a quantidade de estudos existentes nestes recortes, permite afirmar que, em linhas gerais, a produção científica sobre paradiplomacia segue uma tendência de *stop and go*. Tal característica, por sua vez, é representada pela proeminência de casos específicos ao longo dos anos, como se pôde observar em 2021, 2020, 2019 e 2018, momentos nos quais os trabalhos sobre a diplomacia subnacional observaram alguns assuntos que saltaram aos olhos durante a análise bibliométrica, tais como a ascensão de produções inerentes à COVID-19 (2021), China (2021 e 2020), Canadá (2019) e América Latina (2018).

Todavia, o que ainda se pode questionar é o porquê da tendência de queda dessas produções entre 2018 e 2020, sendo que em todos esses anos houve a proeminência de obras relacionadas a um tema específico. Uma hipótese aqui levantada diz respeito aos casos randômicos, já que nos anos com maior número de produções científicas (como 2017 e 2021) o número de obras que analisaram casos avulsos foi considerável. Talvez, assim como na realidade política, estes casos randômicos poderiam ser estimulados pelo empreendedorismo dos burocratas responsáveis pelas ações internacionais dos entes subnacionais e, portanto, poderia influenciar de alguma forma o campo acadêmico que versa sobre o tema – isto explicaria, porventura, o que foi percebido em 2017. No entanto, destaca-se a importância de outros estudos que possam ampliar as análises realizadas no presente trabalho.

Sob outra perspectiva, o ano de 2021 trouxe à tona uma possível alternância nesta tendência, já que demonstrou a coexistência de dois assuntos principais em tal contexto: a inserção internacional das províncias chinesas e a pandemia de COVID-19. Ademais, assim como percebido durante as análises tangentes a esta conjuntura, os casos randômicos poderiam ser influenciados não somente pelo empreendedorismo dos burocratas responsáveis pela paradiplomacia, como também, por conjunturas específicas que aflorariam a importância dos movimentos paradiplomáticos em determinadas ocasiões – fato que explicaria a abundância de casos randômicos em 2021.

Contudo, o ano de 2017 desvelou um novo paradigma em relação ao que fora demonstrado nos anos subsequentes: se por um lado, o período ratificou a linearidade sobre os temas que foram elucidados durante todo o recorte temporal, no que concerne à sua própria jurisdição, não há preponderância de algum caso temático neste contexto. Desta forma, embora o fato apresentado pudesse colocar em xeque as tendências que foram observadas desde o início desta pesquisa, ainda assim, não seria suficiente para sustentar tal indagação. Portanto, faz-se necessária uma análise conjuntural dos anos antecedentes para se concluir o motivo desta quebra de padrão, de modo a permitir averiguar se tal período representou algo fora da curva do que vem sendo demonstrado, se anteriormente havia outra forma pela qual os estudos sobre paradiplomacia se apresentavam, ou se, como mencionado anteriormente, o empreendedorismo dos burocratas subnacionais influenciou a produção paradiplomática no ano. De qualquer modo, as investigações realizadas para o período abarcado por esta pesquisa, ratifica o que foi analisado anteriormente, ao retratar que 2017 elucidou a preponderância de casos randômicos, os quais foram responsáveis por elevar o número de produções inerentes à paradiplomacia no ano referido.

Do mesmo modo, ao longo deste trabalho, foi possível enxergar algumas características empíricas que ocorreram na realidade política local e mundial, e que de certa maneira, poderiam ter instigado as produções acadêmicas sobre a paradiplomacia em seus respectivos anos. O caso relacionado à pandemia do novo coronavírus, por si só, já seria suficiente para explicar o porquê da inserção de novos estudos que correlacionam a paradiplomacia e a crise sanitária em 2021. Contudo, é imprescindível uma futura análise dos próximos anos para afirmar a tendência de *go* acerca das obras referentes a esta conjuntura.

No que diz respeito ao Canadá, entretanto, esta pesquisa mostrou a relevância de Toronto para questões relacionadas à paradiplomacia municipal no país desde a posse do prefeito John Tory em 2014. Talvez, a atuação da cidade em âmbito internacional pôde ter redirecionado os holofotes sobre os estudos paradiplomáticos para os atores não centrais canadenses. Não obstante, esta informação ainda não é profunda o suficiente para afirmar tal hipótese, sendo assim, necessária a revisão sistemática da literatura para que se conjecture e se confirme esta tendência.

No que diz respeito ao aumento dos estudos sobre a paradiplomacia relacionada aos entes subnacionais chineses em 2021 e 2020, as hipóteses que poderiam demonstrar a relevância do assunto em tais períodos, de certa forma, é um tanto obscura. De acordo com os estudos realizados sobre a região, pelo fato de a China ser um país não democrático e autoritário, os estudos sobre a paradiplomacia não contemplaram as atividades internacionais realizadas pelos entes subnacionais no país por um bom tempo, o que culminou com a dificuldade para o entendimento deste cenário ao longo dos anos. Entretanto, o que se percebe atualmente é uma mudança neste espectro, com o aumento de casos relacionados à paradiplomacia chinesa, e de alguns fatores que poderiam ter influenciado o incremento da produção científica sobre o assunto. Conjectura-se, portanto, que a criação do *China's Belt & Road Initiative (BRI)* pode ter permitido a proeminência do tema, haja vista que todas as pesquisas acadêmicas observadas em 2021, por exemplo, fizeram menção

a diplomacia sub-estatal sob a égide desta política externa proposta por Xi Jinping.

Por fim, quando este trabalho se propôs analisar a sobressalência inerente à atividade paradiplomática na América Latina em 2018, bem como a preponderância do continente americano sobre tal questão, já era compreendida a dificuldade para se correlacionar as variáveis. Embora, os casos inerentes à paradiplomacia na América Latina sejam acompanhados por estudos que versaram sobre tópicos transfronteiriços, não se pode afirmar ao certo que este tema tenha sido impulsionado por algum caso empírico, já que as questões relacionadas à paradiplomacia e a porosidade entres as fronteiras são objetos de debate desde a insurgência do campo teórico. Na mesma linha, sobretudo, segue a explanação sobre o porquê o continente americano é um pilar central no que diz respeito à produção científica sobre paradiplomacia, pois ainda carece de análises sistemáticas para se entender tal característica.

Portanto, com a finalidade de se responder a primeira pergunta norteadora deste estudo, a qual se propôs a questionar como se apresenta o estado da arte da produção científica atual sobre a paradiplomacia, podemos defini-la da seguinte maneira: o estado da arte sobre a paradiplomacia hodierna, sob uma perspectiva bibliométrica, se caracteriza pela proeminência da tendência de *stop and go* no que diz respeito a produção científica sobre o campo, acompanhada por temas específicos que se consolidaram ao longo de cada período, seguido por casos randômicos que podem ou não serem influenciados pelo empreendedorismos dos burocratas, ou por determinadas conjunturas específicas. Ademais, nota-se a preponderância de produções relacionadas à China, ao cenário pandêmico imposto pelo novo coronavírus, ao Canadá, e ao continente americano como um todo.

À guisa de conclusão, este trabalho ressalta a importância do estudo aqui proposto para o entendimento holístico sobre a paradiplomacia e suas nuances, sobretudo em um período no qual a efervescência do assunto é observada, e a negação da ciência - corroborada pela disseminação de *fakenews* -, pode ameaçar a relevância do potencial paradiplomático para a resolução de problemas a nível local.

Portanto, esta pesquisa ao se inserir em um espaço pouco desbravado pela literatura especializada sobre a paradiplomacia, elucida algumas questões que advieram de análises bibliométricas e que, neste sentido, puderam oferecer ao campo teórico novos *insights* a serem contemplados por futuros estudos. Esta, talvez, seja a grande contribuição deste trabalho para a esfera acadêmica que abrange o tema, ao propor um modelo metodológico pouco observado para examinar a atuação dos entes subnacionais nas Relações internacionais, e os respectivos resultados ascendidos desta conjuntura.

Ademais, em concordância com o que foi observado por Ribeiro (2009), este trabalho também ratifica a importância da paradiplomacia para a resolução dos problemas em escala local, uma vez que, ao longo da discussão dos resultados, foi possível observar o papel das ações paradiplomáticas para a solução destes problemas no âmbito das cidades, das províncias e dos demais entes federados. Tais ações, portanto, se apresentaram por meio de cooperações transfronteiriças, imanamento entre municípios, estratégias conjuntas em face de problemas socioambientais, cooperações técnicas e

econômicas, entre outras formas de atividades neste contexto. Sendo assim, esta elucidação contribuiu para demonstrar que os resultados advindos das políticas paradiplomáticas trouxeram à tona a relevância e a eficiência intrínsecas ao tema, seja na dimensão acadêmica, que por muitas vezes, não reconhece estes atributos, seja como um guia para os tomadores de decisão em múltiplas escalas.

REFERÊNCIAS

ACKRÉN, Maria. *Diplomacy and paradiplomacy in the North Atlantic and the Arctic - A comparative approach*. (235-249). In: Finger, Matthias; Heininen, Lassi. *The global Arctic handbook*. Switzerland: Springer, 2019.

ALVARENGA, Alexandre Andrade; ROCHA, Erika Maria Sampaio; FILIPPON, Jonathan; ANDRADE, Maria Angélica Carvalho. *Desafios do Estado brasileiro diante da pandemia de COVID-19: o caso da paradiplomacia maranhense*. In. Cadernos de Saúde Pública, v. 36, p. 1/e00155720, 2020.

BARNETT, Michael N; SIKKINK, Kathryn. *From International Relations to Global Society*. [S. l.]. Oxon: Oxford University Press, 2011.

BÖHM, Hynek. *Five roles of cross-border cooperation against rebordering*. Journal of Borderlands Studies, DOI: 10.1080/08865655.2021.1948900, 2021.

CANTIR, Cristian. *Kin States in sub-states diplomacy conflict dynamics*. Foreign Policy Analysis, vol 16(1), p. 59–77, 2020.

CHAN, Wai Yin. *The soft power and paradiplomacy of Hong Kong*. Asian Education and Development Studies, 2019.

CHEUNG, Jason Ho. *At the edge of the empire: Mapping the law of Hong Kong's paradiplomacy*. The Hague Journal of Paradiplomacy 15, doi:10.1163/1871191X-bja10035, 2020.

CORNAGO PRIETO, Noé. "O outro lado do novo regionalismo pós-soviético e da Ásia-Pacífico: a diplomacia federativa além das fronteiras do mundo Ocidental", In: Vigevani, T. et al. (Org.). *A dimensão subnacional e as relações internacionais*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

FEITOZA DO NASCIMENTO, Rainne; MACHADO DE OLIVEIRA, Tito Carlos. *La paradiplomacia y las relaciones de cooperación en las regiones de frontera entre Brasil, Bolivia y Paraguay*. Frontera Norte, vol. 30, nº 60, p.57-84, 2018.

FROIO, Liliana Ramalho; MEDEIROS, Marcelo de Almeida. *Analysing the asymmetry in decentralised international co-operation: The case of Brazil/Europe sub-national relations*. Contexto Internacional, vol. 42(2), 2020.

GEHENDRA, Kharel; ROMSDAHL, Rebecca; KIRILENKO, Andrei. *Managing the wicked problem of Devils Lake flooding along the US–Canada border*.

International Journal of Water Resources Development, 35:6, 938-958, DOI: 10.1080/07900627.2018.1523050, 2018.

GINANJAR, Yusep et al. *Optimising the role of the West Java provincial government in partnering with the sister province of Chongqing*. International Journal of Innovation, Creativity and Change, v 12, 2020.

JAURSCH, Julian. *Regional mobilization in international trade policy: The US states in transatlantic trade negotiations*. Regional & Federal Studies, DOI: 10.1080/13597566.2021.1918386, 2021.

JUSTE, Stella. ZICOSUR, *paradiplomacia y recursos naturales: el litio y la vinculación con China*. Si Somos Americanos. Revista de Estudios Transfronterizos , 21(1), 7-31, 2021.

KEATING, Michael. *The new regionalism in western Europe: territorial restructuring and political change*. Aldershit, Edward Elgar, 1998.

KOSSA, Martin; LOMAEVA, Marina; SAUNAVAARA, Juha. *East Asian subnational government involvement in the Arctic: a case for paradiplomacy?* The Pacific Review, 34:4, 664-695, 2021.

LIU, Tianyang; SONG, Yao. *Chinese Paradiplomacy: A Theoretical Review*. SAGE Open, 10(1). doi:10.1177/2158244019899048, 2020.

LIU, Tianyang; SONG, Yao. *Trajectories to becoming international relations actors in china's BRI initiative: a comparative study of the Guangdong and Yunnan provinces*. The Pacific Review, 34:5, 778-809, 2021.

NAVA, Karla; CÓRDOVA, Gustavo. *Paradiplomacia y desarrollo económico en la región transfronteriza de Reynosa-McAllen*. Estudios Fronterizos, 19, e004, 2018.

NEVES, Miguel Santos. *A dimensão da paradiplomacia entre regiões nas relações EU-China*. Relações Internacionais, p. 113-140, 2018.

ODDONE, Nahuel; VÁZQUEZ, Horacio Rodriguez; ORO, Martin J. *Local cross-border paradiplomacy as an environmental governance tool in Mercosur and the European Union: A comparative approach*. Globalización, regionalización y fronteras, v. 18, n. 2, p. 332-350, 2018.

OVIEDO, Eduardo Daniel. *Form of State and sub-national units in Argentina and China. An analysis framework for understanding relationship with the Greater Bay Area*. Estudios Internacionais, v. 8, n. 3, 202-227, 2020.

RIBEIRO, Maria Clotilde Meirelles. *Globalização e novos atores: A paradiplomacia das cidades brasileiras*. Salvador: Edufba, 2009.

SANTANA, Cristian Ovando; MIRANDA, Sergio González. *La dimensión identitaria de las expresiones paradiplomáticas entre Bolivia y Chile: una lectura*

desde dos otredades. *Revista Austral de Ciencias Sociales*, n.º. 35, p. 45-82, 2018.

SANTANA, Cristian Ovando; MIRANDA, Sergio González. *The role of paradiplomacy between the north of Chile and the south of Peru: History, institutional restrictions and the new challenges “post la Haya verdict”*. *Diálogo Andino*, n.º5, p. 79-91, 2018.

SARMENTO BADILLO, R; GALEANO DAVID, H; RODRÍGUEZ MOLANO, M. *Identidad local en la acción exterior subnacional*. *Trans-Pasando Fronteras*, (16). <https://doi.org/10.18046/retf.i16.4100>, 2020.

SARSON, Leah. “*You Cannot Trade What Is Not Yours*”: *Indigenous Governance and the NAFTA Negotiations*. *American Review of Canadian Studies*, 49:2, 332-347, DOI: 10.1080/02722011.2019.1618616, 2019.

SILVA, G. F.; GUIMARÃES, V. C. *COVID-19: parâmetros internacionais, federalismo e a atuação internacional dos estados e municípios*. *Revista de Direito Sanitário*, [S. I.], v. 21, p. e0001, 2021.

STREN, Richard; Friendly, Abigail. *Toronto and São Paulo: Cities and international diplomacy*. *Urban Affairs Review*, vol. 55(2), p. 375–404, 2019.

TAVARES, Rodrigo. *As relações internacionais do estado de São Paulo*. In: Marcovich, Jacques; Dallari, Pedro B. A. *Relações Internacionais de âmbito subnacional: a experiência de estados e municípios no Brasil*. São Paulo: Instituto de Relações Internacionais - Universidade de São Paulo, 2014.

TEIXEIRA, Eliana Maria; CICHOVSKI, Patrícia Kristiana. *A paradiplomacia e a gestão Amazônia no federalismo brasileiro*. *Veredas do Direito*, v.17, n.39, p.309-337, 2020.

TIDWELL, Alan. *Strategic competition and the evolving role of Indo-Pacific paradiplomacy*. *Australian Journal of International Affairs*, 75:1, 103-119, DOI: 10.1080/10357718.2020.1831437, 2021.

TUBILEWICZ, Czeslaw. *Paradiplomacy as a provincial state-building project: The case of Yunnan's relations with the Greater Mekong Subregion*. *Foreign Policy Analysis*, 13(4), 931–949, 2017.

TUBILEWICZ, Czeslaw; OMOND, Natalie. *The United States' subnational relations with divided China: a constructivist approach to paradiplomacy*. Oxon: Routledge, 2021.

VIGEVANI, Tullo. *Problemas para a atividade internacional das unidades subnacionais: estados e municípios brasileiros*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, SP, Brazil: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais - ANPOCS, v. 21, n. 62, p. 127-139, 2006.

ZABALA, Naki Aguirre. *Que sentido tiene hablar de paradiplomacia?* In: Aldecoa, Francisco; Keating, Michael (Org.). *Paradiplomacia: las relaciones internacionales de las regiones*. Madrid: Marcial Pons-Ediciones Jurídicas Y Sociales, 2000.

YU, Hongyuan; LEFFEL, Benjamin; LI, Qianyuan; SIMON, Craig. *Bridging Theory on Global Corporate Hierarchy and City Diplomacy: The Case of China*. Chinese Journal of Urban and Environmental Studies, Vol. 09, No. 02, 2150011, 2021.